

“UM ELOGIO À POESIA” NO PROJETO *PIPOESIA*, DO CEPAE – UFG

Klleber Moreira de Mendonça Júnior¹

Fábio Júlio de Paula Borges²

RESUMO: A presente pesquisa pretende apresentar e analisar o trabalho do projeto intitulado *Pipoesia*, realizado no colégio CEPAE-UFG. Para tanto, a discussão em torno do projeto, neste trabalho, foi feita em três etapas, considerando, no primeiro ponto, a reflexão teórica e crítica sobre ensino de poesia e mediação de leitura em sala de aula; no segundo, sobre a história, metodologias e estratégias do projeto em específico; e por último, a apresentação de uma proposta de leitura, mediação e interpretação de poema em sala de aula de aula com o poema “Testamento”, de Manuel Bandeira, além da sugestão de uma produção textual a partir da leitura e reflexão sobre o poema supracitado. Nesse sentido, averiguou-se, dentro da análise das metodologias de mediação de leitura de poesia em sala de aula, aliada à estratégia do uso da pipa como instrumento lúdico e das atividades de extensão dentro do colégio, que o projeto é uma referência sobre o trabalho com poesia em sala de aula e apresenta uma tradição dentro da instituição, entre as suas atividades no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, como uma ação que abrange positivamente a escola e a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Pipoesia. Poesia. Ensino. Manuel Bandeira.

"A PRAISE TO POETRY" IN THE PIPOESIA PROJECT, FROM CEPAE - UFG

ABSTRACT: This research aims to present and analyze the work of the project entitled *Pipoesia*, carried out at the CEPAE-UFG school. Therefore, a discussion about the project, in this work, was made in three stages, considering the first point of theoretical and critical reflection on the teaching of poetry and reading mediation in the classroom; in the second, about the history, methods and strategies of the specific project; finally, a presentation of a proposal for reading, mediation and interpretation of a poem in the classroom with the poem “Testamento”, by Manuel Bandeira, in addition to the suggestion of a textual production based on reading and reflecting on the aforementioned poem. In this sense, it is calculated, within the analysis of the mediation methodologies of reading poetry in the classroom, combined with the strategy of using the kite as a musical instrument and extension activities within the school, that the project is a reference on the work with poetry in the classroom and presents a tradition within the institution between its activities in teaching, research and extension as an action that positively captures the school and society.

KEYWORDS: Pipoesia. Poetry. Teaching. Manuel Bandeira.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás. Pesquisador-bolsista com auxílio da Capes. e-mail: kchago@hotmail.com

² Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. e-mail: fjulioborges1@gmail.com

INTRODUÇÃO

O elogio à poesia do qual trata esse texto nasce orientado pelas reflexões feitas pelas professoras Goiandira Ortiz Camargo e Maria Severina Batista Guimarães, a partir do texto *O difícil elogio à poesia*, lançado pela editora Pontes, no livro *Leitura Literária, Crítica e Ensino*, de 2019, sendo ambas professoras integrantes, assim como os autores deste texto, da *Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia*.

No texto, as pesquisadoras analisam o espaço de circulação da poesia na sociedade contemporânea, em especial, na escola, lugar onde a poesia, mesmo que diminutamente, costuma ser trabalhada e aparecer nas aulas de linguagem como objeto de questionários preparados para ajudar a melhorar o índice de proficiência dos alunos, ou como aparato de enfeite nos murais dos corredores escolares. Tal modo de tratar a poesia no ambiente escolar, nesse sentido, explica, já nessas paragens, o difícil elogio recebido pela poesia na sociedade contemporânea, assim como previu Walter Benjamin (2012), ao situar a desvalorização da arte em detrimento daquilo que ele situou como “era da reprodutibilidade técnica”, quer dizer, da desvalorização do ser humanizado em prol do fomento ao capital, à competitividade e à produção em massa de produtos culturais como desvios da identidade e da sensibilidade do ser no mundo atual.

No entanto, há exceções. O elogio à poesia, sobre o qual esta análise se debruçará, é visto sobre o projeto *Pipoesia* realizado no Colégio CEPAE – UFG. Desse modo, o objetivo é analisar como se dá o trabalho desse projeto em relação à mediação e leitura de poesia, dentro e fora da sala de aula, já que este projeto apresenta uma perspectiva metodológica transdisciplinar no seu eixo de aplicação. Pretende-se, também, trazer, ao final, uma sugestão sobre como mediar a leitura de um poema, tendo como suporte a criação “Testamento”, de Manuel Bandeira, e, a partir dele, orientar uma proposta de produção textual através da interpretação do poema supracitado, feita entre o mediador de leitura e os alunos da sala de aula.

A escrita de um trabalho sobre o projeto *Pipoesia* é importante, pois além da valorização da poesia na escola e na sociedade, há também com ele a valorização da escola e instituições de ensino públicas, gratuitas e de qualidade, mostrando o quanto é importante a valorização desses espaços, seja pela sociedade, ou até mesmo pelo próprio poder público.

A pesquisa sobre o projeto é relevante, pois é resultado dentre as pesquisas da *Rede Goiana de Leitura e Ensino de Poesia*, com compromisso de trazer reflexões sobre a poesia no Estado de Goiás e sua circulação dentro dos espaços de ensino no Estado; o objetivo, nesse sentido, é mostrar e valorizar a cultura e o ensino em Goiás.

POESIA ENSINA-SE? DESDOBRAMENTOS DA FORMAÇÃO DOS MEDIADORES E LEITORES DE POESIA NA ESCOLA

O estudioso e crítico literário Massaud Moisés (1975) inicia uma reflexão, numa de suas principais obras intitulada *A Criação Literária*, com um questionamento que nasce com os gregos e que chega ainda intrigante nos atuais dias: Poesia ensina-se? O questionamento de Massaud Moisés (1975) justifica-se pela escolha metodológica para a criação de seu estudo. O autor, no caso, reúne todos os seus escritos teóricos, resultado de aulas aplicadas durante a sua vida e da sua formação acadêmica na Universidade, sobre poesia e literatura. Para esse estudioso, as práticas de ensino, principalmente no que concerne à literatura, são importantes, pois mantêm o conhecimento adquirido no decorrer dos séculos, da história e da memória humana, sobre o fazer e a criação literária, vivos no tempo e na sociedade, além de fazer das pessoas seres mais humanizados.

No texto *O difícil elogio à poesia*, das professoras Goiandira Ortiz e Maria Severina (2019), podemos depreender três aspectos importantes, encarados por elas como fatores delimitantes da falta de apreço pela poesia na sociedade brasileira contemporânea: primeiro, a formação histórico-cultural e social do país, cujas raízes não sedimentaram, no seio cultural da sociedade, o valor da leitura literária – o Brasil foi, em certo aspecto histórico-econômico, ainda é, uma colônia; segundo, devido à formação precária de professores de literatura, cujo domínio das “tecnologias” e recursos de leitura sobre o texto poético (ZUMTHOR, 1993³) é insuficiente, mediante as demandas da sociedade contemporânea. Vide também a formação acadêmica desses professores, que exige cada vez mais aperfeiçoamento para suprir quaisquer lacunas existentes no que concerne o ensino da literatura; e por último, pela dinâmica tomada no mundo contemporâneo, pelo advento da era digital e das redes sociais, a disposição da leitura literária carece de recursos que envolvam o leitor nesse novo ambiente, capaz de fazer do indivíduo um ser crítico e ciente de sua condição no mundo.

³ Paul Zumthor (1993) desenvolve para o conceito de leitura atribuindo a ela a ideia de tecnologia, quer dizer, de suporte básico e essencial para a formação do leitor, em especial, o leitor literário.

Walter Benjamin (2012), nesse sentido, discorre sobre o processo de desumanização e precarização do humano, mediante aquilo que ele situou como “era da reprodutibilidade técnica”. Para esse teórico, o ser humano, na modernidade, abdicou de sua capacidade em torno da criticidade e da sensibilidade, quando rendeu-se às vestes do capital, fetichizada pelo apelo das elites econômicas em prol dos “valores” ditos importantes para a continuação e perpetuação do “progresso”.

Na escola da sociedade contemporânea, por exemplo, é possível perceber como essa reprodutibilidade técnica interfere na relação existente entre sociedade e escola. As famílias com pais trabalhadores hoje passam o dia em longas jornadas em fábricas e empresas locais. As discrepâncias sociais atenuam o distanciamento desses trabalhadores da escola e até de seus próprios filhos, mediante esse ciclo vicioso imposto pelas relações de trabalho contemporâneas.

A interação entre criança e a família, segundo Michèle Petit (2009), conforme explica acerca do processo de formação leitora na criança, é importante, porque a família é um dos primeiros espaços de convivência para formação do gosto pela leitura na criança. Se a criança não possui tal oportunidade de formação cultural em casa, obviamente sobrarão, felizmente ou infelizmente, à escola a tarefa de oferecer a leitura como contribuição para a formação humana e estética para a criança.

A realidade brasileira sobre as práticas de leitura nas escolas, tomando todo o contexto discutido acima, não sustenta, no âmbito da formação individual e coletiva dos alunos, condições capazes de levá-los a fruírem coerentemente o texto literário. Primeiro, porque a condução dada à aquisição da tecnologia da leitura nas séries iniciais dificilmente contempla a experiência sobre o texto literário, em especial sobre o texto poético, como foco do processo de ensino-aprendizagem, inviabilizando, assim, o acesso do aluno à experiência de recepção e conhecimento sobre uma diversidade de textos importantes para seu desenvolvimento sensível e intelectual. Segundo, o professor não possui alicerces na sua formação docente quanto à *práxis* de leitura e mediação do texto literário e poético em sala de aula, bem como também, na sua maioria, não possui hábito e gosto pela leitura literária; logo, o professor não terá condições de ter ou selecionar um acervo capaz de contribuir com o planejamento de aulas com foco nesse perfil de texto.

Por último, a precarização dos investimentos públicos e a abertura de oportunidades para a formação docente especializada na área, além da falta de políticas, planos e projetos de incentivo à leitura eficazes, são questões que contribuem

para fomentar as descontinuidades na formação de educadores e leitores no/do atual cenário educacional brasileiro.

Uma das dificuldades dos docentes sobre o trabalho com o texto literário e poético na escola é sobre como saber mediá-los. Para tanto, a figura do mediador é muito importante nesse processo de formação via texto literário. Ele é o sujeito que conduz a leitura e as estratégias de mediação entre os sujeitos da experiência de leitura – mediador e alunos / e o texto literário – tendo em vista os gêneros: o poema, a crônica, o conto, o romance. O mediador é, portanto, o sujeito que detém a tecnologia da leitura e possui condições e arcabouço necessário básico para estimular a atividade de leitura. Por isso, a família, um bibliotecário, um professor, um amigo que goste de leitura, um livro, um poema enrolado em formato de haicai dentro de uma pílula, uma pipa com os versos do poema carimbados no papel, uma biblioteca, um poema nas redes sociais podem ser potenciais mediadores de leitura.

A mediação de leitura é a ponte feita pelo mediador, entre os sujeitos da experiência de leitura, e o texto literário. Ela inicia-se com a preparação e escolha do texto literário pelo mediador para ser oferecido em sala de aula, ou seja, no planejamento da aula, e desenvolve-se com as estratégias de leitura que podem ser, por exemplo, um poema pílula, uma amarelinha poética, um café literário, entre outros.

No entanto, em meio a essa dificuldade dos docentes ou potenciais mediadores de leitura literária, há o domínio sobre a linguagem do texto literário e, em especial a linguagem da poesia, que muitas vezes pode ser compreendida pelos professores como hermética e indecifrável, como mote para não apresentação desse tipo de texto em sala e pretexto para negar seu desconhecimento sobre a poesia e acerca de como mediá-la em sala de aula. Assim, o professor, mesmo que inconscientemente, pode incentivar uma espécie de invisibilidade proposital do texto poético na escola.

A linguagem da poesia é um recurso importante e imprescindível de ser trabalhado em sala de aula. A poesia, em sua constituição pela linguagem figurada, é capaz de estimular e desenvolver a sensibilidade crítica, contribuindo para uma percepção estética sobre a realidade experienciada e que é capaz de desentranhar o ser de uma condição alienada, corrupta e desumana do mundo no qual se encontra inserido. A subjetividade da poesia lírica contribui para uma leitura sobre o texto literário numa alteridade plena entre texto, linguagem e sujeito.

A subjetividade advém das manifestações de linguagem proporcionadas pelo gênero lírico nas diferentes formas de arte

existentes no mundo. Hegel, na sua *Estética* (1993), assinala que “na poesia domina é a subjectividade da criação poética nas obras mais concretas” (p. 607). Sob essa perspectiva, o olhar sobre a subjetividade (re)cai sobre as noções de sentimento, paixões e virtudes, ou seja, o que há de mais profundo e humano na existência do ser. A subjetividade aponta para sujeito lírico do texto, mas também para as experiências dos sujeitos leitores do mesmo, pois é ela produto do movimento psíquico catalizador de imagens capazes de “trans(ler)” essas experiências poéticas, sendo assim metalinguagem. (MENDONÇA JÚNIOR, 2018, p. 153)

A poesia lírica, como disse Octávio Paz (1993), é a outra voz. A voz que lê o mundo através da palavra poética numa experiência plena do ser para com ela. No estudo de Mendonça Júnior (2018), o crítico retoma um aforismo que diz que “a boa poesia é aquela que nos lê enquanto a lemos”. Paulo Freire, em *A importância do ato de ler*, assinala que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p.11). Nesse sentido, a experiência com a vida não necessita, *a priori*, uma aquisição de uma tecnologia pela linguagem como ocorre com a leitura escolar. A criança, em constante experiência com o mundo, nas brincadeiras e nas narrativas por ela criadas, visita o poético a todo instante. Entretanto, ela precisa, de algum modo, ser oportunizada, para que essa experiência evolua para uma interação mais complexa com a linguagem. Para Rildo Cosson (2012):

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavras na narrativa e a palavra feita matéria de poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra se permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2012, p. 17)

A poesia possibilita essa escuta do outro. No mundo contemporâneo, onde as tensões e os conflitos sociais, culturais e econômicos se confundem numa visão sobre a qual o desrespeito e a violência imperam, a poesia movimenta novos caminhos para a autonomia do ser e novos diálogos para uma experiência melhor com a vida. Ela, enquanto um ato revolucionário e método de libertação interior (PAZ, 1982), modifica a compreensão humana de existência e ressignifica o modo como os sujeitos se compreendem e interagem entre si.

Poesia não se ensina, mas se oferece e compartilha com o próximo. Nesse sentido, para uma experiência nova sobre as práticas de mediação do texto poético na escola, é preciso uma ação eficaz e fortalecedora da formação prático-teóricas dos

professores, com o investimento maciço em educação e políticas de valorização e incentivo da leitura nas escolas.

Desse modo, depreende-se a importância da valorização do professor, já que ele é o principal, senão o único mediador do texto literário, que os alunos possuem como caminho para chegar até o texto literário. A educação, nesse sentido, merece ter sua autonomia respeitada, enquanto instância comprometida com a da cidadania e humanização dos sujeitos. Exige-se, portanto, de todas as instâncias deste país, mais respeito à educação, à escola, aos docentes e discentes. A escola e sociedade precisam da liberdade habitada pela poesia.

PIPOESIA: “o elogio à poesia” na escola

O projeto *Pipoesia*, de acordo com sua idealizadora, a professora do Cepae – UFG, Célia Sebastiana Silva, surgiu da necessidade, em primeiro plano, de como trabalhar e mediar a leitura e o ensino de poesia com os alunos do colégio, já que ela havia sido aprovada como professora efetiva daquela instituição de ensino e assumido turmas do ensino básico. Em segundo plano, a professora, que também é pesquisadora na área de poesia, viu, por meio do projeto, uma possibilidade de aplicar seus conhecimentos da área de pesquisa e possibilitar aos alunos, logo, à comunidade, a possibilidade do contato com a poesia e com a leitura crítica e sensível do mundo via texto poético.

O Pipoesia é um projeto de leitura de poesia, desenvolvido no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG), que procura manter a ação de ler como seu mote principal, mas que também promove uma experiência didático-pedagógica, de caráter interdisciplinar, que traz os processos de jogar/brincar para dentro do espaço institucionalizado da escola, em todos os níveis. (SILVA, 2017. p. 5)

Para tanto, a professora Célia iniciou o projeto com seu contato em sala de aula com os alunos no colégio. No entanto, durante o momento de planejamento, a professora inspirada numa coleção de livros intitulada *Poesia fora da estante*, que trazia uma série de poemas de diferentes autores na sala de aula, resolveu refletir sobre o que seria preciso para que os alunos “retirassem a poesia da estante” para ter contato com o texto poético de modo agradável e receptivo à sua realidade e forma de pensar. Então, a professora, ao fim de suas reflexões, percebeu que a resposta para essa

indagação só seria obtida num diálogo bem orientado com os alunos. E assim a professora fez.

Na aula subsequente, ela conversou com os seus alunos sobre suas ideias e obteve resposta deles. Segundo os alunos, para a poesia sair da estante, era preciso que ela fosse livre como a imaginação o é. Para isso, seria preciso fazer a poesia voar. Desse modo, a partir do diálogo com os alunos, a professora trouxe novas indagações, até eles chegarem à ideia da pipa como um instrumento para trabalhar o texto poético nas aulas. Nesse sentido, sobre o projeto, a professora Célia explica que:

[o] projeto objetiva a vivência da leitura de poesia e seus desdobramentos como experiência estética, além da construção do brinquedo – a pipa – onde são inscritos os poemas e, posteriormente, soltos. A ação de “fazer voar” a poesia, por meio do brinquedo, promove experiências corporais que, no espaço escolar, ganha outros significados, porque constitui um direito a ser apreendido na educação escolarizada. De igual modo, a leitura de poesia resulta em uma apropriação mais consistente da elaboração estética e sensibiliza para a recepção e exploração do texto poético em todas as suas potencialidades, à medida que pode exprimir o que há de “mais profundo e mais elevado nas crenças, representações e relações humanas” (HEGEL). (SILVA, 2017, p. 6)

O trabalho para com a poesia, do modo como apresenta a proposta da professora Célia, ilumina a intenção de Antonio Candido (2004), no texto *O direito à literatura*, de estabelecer a literatura como direito fundamental e inegável a todo indivíduo em sociedade. Para esse sociólogo e crítico literário, o texto poético, ou qualquer outro que apresente um trabalho estético e artístico em linguagem figurada, possui uma capacidade de sensibilizar e humanizar as pessoas, tornando-as mais humanas. Desse modo, essa perspectiva e visão de formação crítica de Antonio Cândido são trabalhadas entre os integrantes do projeto *Pipoesia*.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

Durante a construção do projeto, a professora Célia delimitou uma didática para o trabalho com a poesia através da mediação de leitura do poema em sala de aula. A

professora refletiu que, para os alunos não focarem apenas no objeto lúdico – a pipa, era preciso dar atenção ao texto literário em primeiro plano nas aulas. Assim, a professora elencou uma série de poetas e, para cada ano do projeto, resolveu dedicar as ações à poesia feita por um poeta específico, sobre o qual fariam um festival em homenagem a cada ano de atividade.

A estratégia proposta sobre o projeto é mediar a leitura e interpretação de poemas de autores específicos com os alunos, afim de que a experiência com o texto poético se integre ao lúdico com a confecção de pipas que levarão os poemas a todos os cantos do colégio. Nesse sentido, os alunos, com o auxílio do mediador, leem e interpretam o poema em sala, no decorrer das atividades do projeto, mediante a aplicação de diferentes estratégias de leitura a cada aula, refletindo sobre o texto e preparando o Festival *Pipoesia*, o qual figura como o resultado final das atividades desenvolvidas durante o projeto.

O tempo previsto, como sugestão, para cada etapa do projeto, durante o ano letivo pode ser semestral, tendo duas edições, compreendendo primeiro e segundo semestres. Durante o tempo de realização das atividades, além da mediação dos poemas, ocorre o envolvimento dos professores das outras disciplinas, que trabalharão, segundo as suas necessidades dentro do conteúdo, atividades que dialoguem com o projeto. Além da mediação dos poemas, outro momento importante para o projeto é a confecção das pipas com os poemas fixados, ou desenhos feitos pelos alunos com sua criatividade a partir dos textos lidos. Desse modo, eles poderão fazer momentos extra sala, empinando as pipas ou confeccionando adereços de pipas e enfeites com os poemas para culminância do projeto, que é o Festival *Pipoesia*.

O projeto traz, segundo a professora Célia, uma perspectiva interdisciplinar, pois, para a realização do projeto, convida os professores das diferentes disciplinas do colégio para integrar a ação. A professora Célia relatou que no início do projeto participaram de modo mais aproximado os professores de Matemática e de Educação Física. Eles aproveitaram o projeto para trabalhar conteúdos que dialogassem com a atividade para suas disciplinas, como figuras geométricas na Matemática e atividade livre com as pipas na Educação Física. Contudo, as atividades do projeto poderiam servir para serem aplicadas na Geografia e nas Ciências, com o trabalho com o vento, na História, sobre a historiografia do poema analisado e do autor, entre outras propostas. O importante, segundo a idealizadora, era haver a integração de toda escola

nas atividades orientadas. No texto que compõe o ementário do projeto, é possível ver as diretrizes a serem atingidas.

Relação da poesia com as diferentes linguagens das diversas áreas do conhecimento. Promoção de um momento de integração cultural, envolvendo não só as disciplinas e a escola, mas também a comunidade. Sensibilização para a recepção e exploração do texto poético em todas as suas potencialidades. Formação de um leitor literário mais autônomo e mais humanizado. (SILVA, 2017. p. 4)

Desse modo, compreende-se a ação do *Pipoesia* como um trabalho em rede, o qual se configura não só como ação interdisciplinar entre docentes e disciplinas integradas, mas como um projeto transdisciplinar, pois envolve a escola, o conhecimento gerado entre as diversas áreas do conhecimento aplicadas aos alunos e a sua reverberação na comunidade. Portanto, é uma ação que transcende o seu lugar de execução e ecoa fora dos muros da escola, cumprindo seu papel social de construir uma sociedade mais igualitária, sadia e com acesso ao texto literário, como colocado por Antonio Candido.

A professora Célia salienta, nesse sentido, sobre a importante contribuição do projeto na relação entre poesia e subjetividade, compreendendo texto poético/aluno e aluno/aluno. Para ela, um ponto importante no processo de trabalho com o texto e sua mediação entre os alunos, durante a confecção das pipas, é a forma como eles interagem e trocavam experiências, tanto de leitura literária, como de mundo, acerca dos temas suscitados pelos poemas discutidos em cada momento do projeto. Na percepção da professora, as atividades do projeto contribuía para o desenvolvimento de uma inteligência sensível aos sentimentos e à capacidade de discutir e dividir ideias entre os alunos participantes.

Desse modo, para ser possível contextualizar melhor a dinâmica do projeto, será apresentado no próximo ponto uma proposta sobre como mediar a leitura do poema *Testamento*, de Manuel Bandeira, em sala de aula, e, a partir da leitura, também será orientada uma proposição de produção do gênero textual testamento. O intuito é trabalhar a questão da alteridade entre os alunos em relação ao poema supracitado, fazendo-os refletir sobre as possibilidades de experiência, tanto com a linguagem poética, quanto com o texto referencial, como uma alternativa a ser orientada dentro de um projeto como o *Pipoesia*, por exemplo.

PROPOSTA DE MEDIAÇÃO E DE LEITURA COM O POEMA TESTAMENTO, DE MANUEL BANDEIRA

Testamento

O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece.
Tive uns dinheiros — perdi-os...
Tive amores — esqueci-os.
Mas no maior desespero
Rezei: ganhei essa prece.

Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado
Foram terras que inventei.

Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.

Criou-me, desde eu menino
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei!
(BANDEIRA, 1967, p. 6)

A poesia de Manuel Bandeira, segundo Davi Arrigucci Júnior (1990), em *Humildade, Paixão e Morte*, manifesta em sua criação o caráter de ser uma poesia ao rés do chão, do acolhimento do mundo e dos acontecimentos cotidianos da vida na gênese da palavra feita linguagem entre o prosaico e o poético.

Herdeira da modernidade, a poesia de Bandeira, forjada de início entre os movimentos de vanguarda e da primeira geração do modernismo brasileiro, situa sua condição de atingir do comum ao sublime da linguagem poética, exibindo, no eixo de construção/evolução de seus poemas, pequenas epifanias, instantes de “alumbramento”, reiterados pelas imagens criadas em seus poemas.

No poema, a imagem criada é a da lembrança, fomentada pela memória lírica de um sujeito, que, ao retomar sua consciência sobre o passado experienciado, tece no poema seu testamento. Esse sujeito lírico indica, no decorrer dos versos, seus

momentos vividos – aquilo que foi feito, o que deixou de realizar ou quis ter na vida. Além disso, manifesta sua vontade acerca do que deseja: deixar seu legado para um *tu*. Os versos iniciais do poema, “[o] que não tenho e desejo/[é] que melhor me enriquece”, e os dois finais, “[d]arei de bom grado a vida/[na] luta em que não lutei!”, situam essa questão.

O poema, na sua demarcação lírica, dá margem para compreender que o sujeito lírico se confunde com a persona do poeta Manuel Bandeira. Nesse sentido, no campo da lírica, há uma distinção básica entre o sujeito lírico – a voz que fala no poema – e o sujeito empírico – nesse caso, o poeta. O sujeito enunciativo do texto não diz explicitamente se o autor do “testamento” é realmente o poeta. Contudo, o texto dá pistas sobre sua subjetividade empírica quando o sujeito lírico se coloca no texto como uma pessoa doente, que não teve filhos e que se intitula poeta menor.

Sobre para quem o sujeito lírico direciona seu testamento, o poema deixa essa questão em aberto. Já que o sujeito lírico atesta não ter tido filhos e não possuir parentes próximos. A voz que enuncia parece direcionar a mensagem para duas instâncias: a primeira é o leitor do poema, e a segunda, a crítica literária. O leitor de poesia, compreendendo *a priori* seu entendimento e domínio sobre a subjetividade da linguagem poética, é aquele com potencial capaz de refletir sobre o conteúdo do poema, que exprime um tipo de conhecimento pela via do sensível (GUIMARÃES, 2012). Nesse sentido, o testamento apresentado pela voz do sujeito lírico conduz o sujeito leitor a uma reflexão sobre a vida e acerca da condição humana. A segunda instância, é a crítica de poesia, direcionada em menor tom pelo poema, situação dentro do texto, quando o sujeito lírico, embebido de metalinguagem, expressa a sua condição de poeta à vista dos versos do texto. Contudo, a plurissignificação da linguagem do texto não exige leituras diversas sobre o poema, como é possível fazer em sala de aula diante a mediação desse poema no ato da leitura e da reflexão sobre o mesmo.

Para tanto, a proposta de trabalho com a mediação de leitura sobre o poema de Manuel Bandeira, num projeto como o *Pipoesia*, requer uma atenção sobre como relacionar o objetivo geral do projeto com o texto apresentado. Desse modo, a etapa em questão para o trabalho com esse texto refere-se ao momento em sala de aula, cuja sugestão é separar em média 3 aulas para a dinâmica com esse texto e uma proposta de produção textual a partir do poema.

A mediação do texto, no primeiro momento, deve considerar as condições de leitura do poema em sala. Desse modo, é preciso haver, por parte do mediador, um

trabalho sobre a leitura vocalizada do poema (CAMARGO, 2012). Isso quer dizer que o mediador precisa considerar o ritmo do texto e a entonação certa de leitura para ter a atenção dos alunos no texto e, assim, conduzir o entendimento do poema.

No segundo momento, o mediador, saindo da questão rítmica, pode entrar nos aspectos concernentes à linguagem do texto poético. Maria Severina B. Guimarães (2012), nesse sentido, situa que esse movimento com o texto na sala refere-se à passagem do momento de compreensão para o momento de interpretação do poema. Assim, para interpretar, a pesquisadora sugere alguns caminhos para se trabalhar com o texto poético.

Desse modo, ela considera, primeiro, a reflexão sobre os aspectos estruturais e linguísticos do texto, não como um pretexto para ensinar regras e outras questões estruturais da linguagem, apenas, mas como caminho para mostrar ao aluno que o poema não é um texto feito sem um trabalho conciso e sensível pela palavra inteligivelmente pensada e arquitetada sobre o texto. Pois o texto poético não é uma expressão de sensações efêmeras e rasas, mas é resultado de “um saber que é reflexão, mas também sensibilidade, magia e encantamento, que pode proporcionar um enorme prazer ao leitor” (GUIMARÃES, 2012. p. 127).

Somente nesse interim é possível responder, com auxílio do poema, questões como a diferença entre poema e poesia, prosa e poesia, verso livre e verso regular, a ideia de estrofe, métrica, rima, etc. Sendo assim, feita essa parte, é possível prosseguir para outros aspectos mais específicos a que o poema talvez possa dar margem para uma interpretação. A pesquisadora sugere ao mediador ver se é possível fazer uma leitura, ou filosófica, ou antropológica/mitológica, sociológica, psicológica sobre o texto. Contudo, como discute Umberto Eco (1999), a interpretação coesa de um texto depende da fidelidade de inferências feitas acerca do seu conteúdo linguístico-semântico. Dessa forma, toda compreensão distante daquilo que fala o texto será uma superinterpretação, quer dizer, uma forma equivocada de refletir e inferir sobre os sentidos expressos pelo texto.

Após o mediador ajudar os alunos a refletirem sobre a ideia de testamento com a leitura, e com a interpretação do poema, na sequência, pensando em testamento enquanto gênero discursivo, o mediador poderá trabalhar com o sentido de alteridade, uma vez que um testamento é um texto direcionado ao benefício de outra pessoa, de alguém para alguém.

A ideia então, para este momento subsequente, é apresentar aos alunos uma proposta de produção de testemunho, na qual, para serem produzidos, eles devem se inspirar numa personagem da história ou da sociedade que o mediador traga como sugestão ou que o aluno goste, como mote para seu texto. Desse modo, por exemplo, o professor pode levar, ou em data-show ou em cartaz impresso, a imagem de personagens diversos, como Joana D'Árc, Leonardo Da Vinci, Shakespeare, Jesus, Sócrates, etc, ou até personagens mais contemporâneos, como a cantora Pablo Vittar, funkera Anitta, o jogador de futebol Neymar Jr., Pelé, a cantora Lady Gaga, o astro da trilogia Harry Potter, enfim, uma diversidade de nomes abertos à realidade dos estudantes. A partir desses exemplos de personagens, ou outros, o aluno deverá fazer uma pesquisa sobre a personagem escolhida e, após, deverá escrever um testemunho se colocando no lugar dessa personagem, como se ele fosse a própria.

A intenção com a parte da produção textual é, além de trabalhar e promover a escrita em sala de aula, fazer com que eles reflitam sobre o sentido de estar no lugar do outro, mesmo diante dessa sociedade contemporânea estimuladora de conflitos, da divisão e da competição.

Após a realização da produção textual, o mediador poderá recolhê-las, lê-las, dar as sugestões necessárias, devolvê-las para serem reescritas, e, adiante, promover um momento de compartilhamento da leitura dos textos entre os alunos em roda na sala de aula, afim de que eles interajam com os textos produzidos pelos colegas e compreendam a alteridade como uma *práxis* capaz de humanizar e tornar o ser mais consciente de seu lugar de existência no mundo.

A proposta de trabalho apresentada foi realizada pela professora Célia Sebastiana Silva, professora de Língua Portuguesa, com seus alunos, no decorrer do projeto, e foi uma das ações do projeto apresentadas no Festival *Pipoesia*, realizado com a colaboração de todos docentes, discentes, corpo administrativo e equipe gestora do CEPAE- UFG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Pipoesia*, realizado no CEPAE-UFG, sob supervisão da professora Célia Sebastiana Silva, mostra-se, como fora analisado neste texto, como um meio importante para mediar e valorizar a poesia em sala de aula e na sociedade, pois integra o texto poético através de estratégias de mediação de leitura de poesia à dinâmica

escolar. Alcançando, pela extensão realizada, todos os entes do colégio envolvidos na ação e a própria sociedade, que se interliga à unidade escolar.

O *Pipoesia* também é importante, porque atesta como fundamental a função social das instituições de ensino públicas de promover o ensino, pesquisa e extensão eficientes, contribuindo para o desenvolvimento da cidadania e de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

A análise realizada, portanto, sobre o projeto *Pipoesia*, compreende a importância da poesia como um bem universal capaz de humanizar, tornar o ser mais sensível, atento e crítico à sua condição, ao do próximo e à do mundo que o circunda. Desse modo, o projeto, assim como bem colocaram em sua discussão as professoras Goiandira Ortiz e Maria Severina, constitui um elogio à poesia enquanto instrumento em um caminho fecundo na escola, para uma educação mais humanitária.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCI JÚNIOR, David. **Humildade, Morte e Paixão: A Poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia da letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. Lira dos cinquent'anos. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Apresentação, Tradução e Notas: Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado, 1ª Reimpressão, Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.

CAMARGO, Goiandira Ortiz. Leitura vocalizada de poesia. In: **Olhar o poema: Teoria e prática do letramento poético**. Orgs. Débora Cristina Santos e Silva; Goiandira Ortiz de Camargo; Maria Severina Batista Guimarães. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

_____. GUIMARÃES, M. S. B. O difícil elogio à poesia. In: **Leitura Literária, Crítica e Ensino**. Orgs. Goiândira Ortiz de Camargo; Nismária Alvez David. Campinas, SP: Editora Pontes, 2009.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Maria Severina Batista. Leitura de poesia: conhecimento e fruição. In: **Olhar o poema**: Teoria e prática do letramento poético. Orgs. Débora Cristina Santos e Silva; Goiandira Ortiz de Camargo; Maria Severina Batista Guimarães. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

MENDONÇA JÚNIOR, Kleber Moreira de. Mário Quintana, Resistência e Mediação de leitura na escola. **Revista Athena**: Vol. 15, nº 2, 2018.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: introdução à problemática da literatura. São Paulo: Cultrix, 1975.

OCTÁVIO, Paz. **A outra voz**. Trad. Wladimir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Salvary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PÉTIT, Michèle. Tudo começa com uma recepção. In: **A arte de ler**. São Paulo, Ed, 34, 2009.

SILVA, Célia Sebastiana. **Festival do Projeto Pipoesia**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação, 2017.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais de Poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1975.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.